

# A TEMPORALIDADE EM O *HOMEM* DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

*Fátima Silva*

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Língua da Universidade do Porto  
mhenri@letras.up.pt

*A narração é, antes de mais, um texto temporal, isto é, uma forma discursiva que não só implica o tempo mas também o produz.*

Fonseca, F. I. (1992:163)

A consideração do texto narrativo como a forma mais elaborada de representação linguística conduz ao estabelecimento de uma correlação entre tempo e narração e implica ainda a atribuição de um papel fundamental à língua na organização de mundos temporais, não redutíveis a uma ordenação do tempo em termos meramente físicos, naturais ou cronológicos.

A reflexão que nos propomos fazer foi motivada pela leitura do conto de Sophia de Mello Breyner Andresen, *O Homem*. Constituindo, na sua essência, a (re) criação de um universo textual em que o tempo aparece como uma obsessão, o tratamento da temporalidade neste conto<sup>1</sup> assume-se como o ponto de encontro entre o relato de uma experiência humana do tempo e a análise linguística das marcas que vinculam essa experiência ao exercício da linguagem.

## 1. Tempo e texto narrativo: deixis temporal

De facto, a vivência humana do tempo apresenta essencialmente um carácter subjectivo, não sendo concebível fora da linguagem, visto que, como

---

<sup>1</sup> Este artigo constitui a síntese do trabalho de mestrado apresentado no seminário intitulado «Tempo e Texto Narrativo», da responsabilidade da Prof. Doutora Fernanda Irene Fonseca. Agradecemos à Prof. Doutora Fernanda Irene Fonseca e ainda ao Prof. Doutor Mário Vilela a leitura deste trabalho e as sugestões dela decorrentes.

afirma Benveniste (1974: 73), o tempo linguístico está «organiquement lié à l'exercice de la parole» e «se définit et s'ordonne comme fonction du discours». Neste sentido, a linguagem possibilita a referência ao tempo através da instituição de um marco de referência temporal coincidente com o da enunciação, o que transforma a experiência subjectiva do tempo numa realidade intersubjectiva. A esta concepção de intersubjectividade está subjacente um acto de fala em que, paralelamente às coordenadas espacial (*aqui*) e pessoal (*eu-tu*), se gera uma outra, de natureza temporal (*agora*), imprescindível à mostraçõ de universos atinentes à visãõ ou à memória de realidades compartilhadas pelos sujeitos falantes.

Deste ponto de vista, o tempo linguístico institui-se como categoria deíctica, representativa de uma realidade dialógica em que o *eu* e o *tu* se situam em relação ao presente enunciativo, marco de referência susceptível de determinar um antes e um depois que se torna, conseqüentemente, base de todas as oposições temporais. Tais oposições (presente, passado e futuro) apresentam-se como realidades intralinguísticas, ou seja, perspectivas que um locutor adopta no momento em que enuncia ou no momento para que se transpõe.

Por este facto, a noção de transposição tem um papel fundamental na reflexão sobre o tempo linguístico, ligando-se de forma estreita aos conceitos de ficção e de ramificação. O primeiro, que tem na sua base o sema de fingimento, significa que é tomado como critério um marco de referência distinto do que se refere ao acto enunciativo. O segundo decorre deste e relaciona-se com a multiplicação de relações temporais em termos de anterioridade, contemporaneidade e posterioridade. Ambos se ligam à ideia de transposição, uma vez que esta consiste na criação de um contexto referencial distinto do *agora* da enunciação, mas a ele referido de forma anafórica ou fictiva<sup>2</sup>. Se a anáfora constitui um campo mostrativo textual acessível mentalmente, a deixis transposta ou fictiva resulta da localização de seres, objectos ou acontecimentos situados num campo mostrativo fictivo evocado pela memória ou (re)construído pela imaginação.

De entre as marcas temporais inscritas na própria estrutura da língua para representação das diferentes modalidades da deixis temporal, assumem especial relevo os tempos verbais.

---

<sup>2</sup> Do facto de o marco de referência estar ou não ancorado na situação de enunciação resulta a possibilidade de realização da deixis temporal segundo as três modalidades referidas por Bühler: a indicial, a anafórica e a fictiva.

## 2. Tempos verbais e tipologia enunciativa

O vínculo tradicionalmente estabelecido entre tempos verbais e a própria noção de tempo revelou-se incapaz de explicar a grande variedade flexional do sistema verbal, pelo que se tornou necessário recorrer à definição de outros conceitos, nomeadamente os de aspecto e de modo. Por outro lado, mesmo quando a sua função deíctica foi considerada (o que aconteceu raramente), foi-o de forma redutora, visto que não explorou integralmente a especificidade dos tempos verbais como operadores deícticos.

Enquanto tais, funcionam como operadores de uma referência temporal, relativamente ao *agora* da enunciação e como operadores de uma transposição referencial, que se baseia na criação de um marco de referência transposto. Esta dupla forma de referência – o momento em que se fala e aquele de que se fala – está gramaticalizada na flexão verbal, através de uma relação de oposição e coexistência que se manifesta entre dois grupos de tempos e pode ser articulada com as três modalidades de deixis definidas por Bühler. Neste contexto, atribuem-se três funções aos tempos verbais: uma indicial, que consiste em situar os processos relativamente ao marco de referência constituído pelo presente enunciativo; outra, anafórica, em que os processos são situados em relação a um marco de referência textual, e uma última, de transposição fictiva, cujo marco de referência é imaginário. Daqui se infere a existência de duas referências temporais, centradas num *agora*, no primeiro caso, e num *não-agora*, nos restantes.

Esta subdivisão conduz à organização das flexões temporais em dois subsistemas, procedimento que se generaliza sobretudo a partir de Benveniste, permitindo uma análise mais adequada e completa da estruturação do sistema verbal. Assim, este autor faz corresponder à divisão em dois níveis de enunciação – história e discurso – igual número de sistemas verbais. A cada um destes sistemas, concorrentes e complementares, corresponde apenas uma parte dos tempos verbais que estão, de acordo com Benveniste, continuamente disponíveis para o locutor na sua activação dos dois modos de enunciação<sup>3</sup>.

Apesar de precursora, a teoria benvenistiana é criticável por apresentar algumas limitações, de entre as quais a mais grave parece ser o facto de Benveniste ter efectuado a sua análise em função de um facto particular do sistema verbal francês, a coexistência isofuncional do «passé composé» e do «passé simple».

Weinrich, autor (entre outros) dessa crítica a Benveniste, procurou superar as lacunas detectadas através de uma proposta mais profunda e completa. No entanto, a sua teoria não deixou de centrar-se igualmente na repartição dos

<sup>3</sup> Cf. Fonseca, F. I., 1992: 30.

tempos do indicativo em dois subsistemas correspondentes a outros tantos modos de enunciação: o «commentaire» e o «récit».

Esta distinção e a atribuição de um carácter deíctico aos tempos verbais são explicitadas nos sistemas verbais românicos pela oposição, formulada por Pottier e por Coseriu, entre um plano actual e um plano inactual. Essa oposição é estabelecida em função de dois pontos de referência temporal – o *agora* e o *então* –, considerando-se como tempo central do subsistema actual o Presente e, do subsistema inactual, o Imperfeito. Há, no entanto, a registar a existência de outros tempos verbais em cada uma das séries, cuja distribuição se organiza de acordo com o quadro 1<sup>4</sup>:

Quadro 1

SISTEMA	ANTERIORIDADE	SIMULTANEIDADE	POSTERIORIDADE
ACTUAL	Pretérito Perfeito	Presente	Futuro
INACTUAL	Pret. mais-que-perfeito	Imperfeito	Condicional

Assim, tanto num subsistema como noutro, a determinação dos valores temporais, de que decorre ainda a dos valores modais, é realizada em função do tipo de marco de referência e pode ser representada da seguinte forma:

Quadro 2

VALORES	SUBSISTEMA ACTUAL	SUBSISTEMA INACTUAL
TEMPORAL	Presente	Passado
MODAL	Factual	Contrafactual

Falar temporalmente de presente não implica restringir-nos em exclusivo ao tempo Presente, uma vez que este é sobretudo uma tradução da vivência do tempo como experiência indissociável da subjectividade do sujeito falante. Essa experiência, a da enunciação, constitui, por outro lado, o

<sup>4</sup> A proposta teórica destes autores inscreve-se numa longa tradição gramatical, filiando-se na diferenciação postulada por Damourette e Pichon entre sistema «noncal» e sistema «toncal», que, por sua vez, remonta a Destutt de Tracy, autor que, em 1803, efectuou uma classificação dos tempos verbais, distinguindo entre tempos absolutos e tempos relativos. Embora a terminologia adoptada por Damourette e Pichon não se tenha generalizado, os princípios que lhe estão subjacentes manifestaram-se bastante produtivos na análise do sistema verbal, por tomarem como ponto de partida a distinção entre referência directa e indirecta ao momento de enunciação.

momento a partir do qual é possível efectuar-se uma transposição, isto é, uma desinserção fictiva relativamente às coordenadas da enunciação. Aliada a esta noção encontra-se a de ramificação temporal que pressupõe a criação de marcos de referência hipotéticos, não coincidentes com a instância enunciativa, sendo, por isso, uma forma de representação explicativa das inter-relações entre valores temporais e modais.

Ao subsistema temporal fictivo, isto é, inactual, atribui-se a reprodução mimética das relações estabelecidas em torno do marco de referência enunciativo. Daí a ligação que, em geral, se estabelece entre a ideia de passado e as noções de ficção e de evocação. Neste âmbito, o acto de evocar deve ser definido como a capacidade de trazer o ausente ao presente. O imperfeito, centro do subsistema inactual, assume, pela efectuação de uma transposição fictiva, uma função de conector entre a ficção, a memória e a imaginação. Por outro lado, à semelhança dos outros tempos inactuais, não é temporalmente autónomo, visto ser um potencial passado cuja actualização depende da sua ligação a um marco de referência intermédio, passível de ser representado por uma data, uma expressão temporal ou um tempo deíctico primário anterior ao momento da enunciação. Da omissão desse ponto intermédio, verbalmente acordado ao Pretérito Perfeito, resulta um efeito de ficção.

A partir da relação entre o Pretérito Perfeito e o Imperfeito, é possível formular um subsistema específico de um dos modos de enunciação referidos – a narração –, na medida em que ela aparece como central na articulação dos diversos tempos narrativos. Essa conexão entre o Pretérito Perfeito e os tempos inactuais decorre de uma análise comparativa dos dois subsistemas, da qual se conclui existir entre eles uma relação de paralelismo e assimetria<sup>5</sup>.

Assim, ainda que estes subsistemas temporais não possam ser confundidos com a divisão efectuada por Benveniste, permitem a sua melhor compreensão e apresentam, na sua base, o mesmo critério deíctico. Por outro lado, são um dos pólos da articulação entre tempos verbais e modos de enunciação, cuja distinção corresponde essencialmente à diferenciação entre modos de referência deíctica. Neste sentido, o subsistema actual relaciona-se com o modo de enunciação discursivo e o inactual, com o modo histórico (ou narrativo). Benveniste define o primeiro como «toute énonciation supposant un locuteur et un auditeur, et chez

---

<sup>5</sup> Fernanda Irene Fonseca apresenta um esquema de articulação dos diversos tempos verbais no domínio do subsistema específico da narração (1992: 206). A formulação de um subsistema temporal narrativo resulta da dissociação de tempos que são simultaneamente complementares e opostos (Imperfeito e Pretérito Perfeito) e de uma representação de anterioridade do Mais-Que-Perfeito incompleta (uma vez que é apenas consignada em relação ao Imperfeito, quando, na realidade, o é também no que se refere ao Pret. Perfeito).

le premier l'intention d'influencer l'autre en quelque manière» (1992: 242) e o segundo como «la présentation des faits survenus à certain moment du temps, sans aucune intervention du locuteur dans le récit» (1992: 239). Para que possam ser registados como produzidos, estes factos têm que pertencer ao passado.

Seguindo nesta linha, Weinrich aprofunda a teoria de Benveniste com uma reflexão sobre o funcionamento da literatura de ficção, da qual conclui haver uma predominância de tempos passados na narração<sup>6</sup>. Esta constitui o palco onde se manifestam as relações entre ficção e passado. De facto, o passado liga-se à ficção que, por sua vez, se aplica às diferentes formas de ramificação déctica relacionadas com a possibilidade de escapar à contingência déctica por um acto de desinserção fictiva «que pode ser um futuro possível, um passado real ou um irreal imaginário» (Fonseca, 1992: 219).

A ficção apresenta ainda um conjunto de índices ficcionais, entre os quais se contam os tempos verbais centrais no subsistema temporal narrativo já indicado, o Pretérito Perfeito e o Imperfeito. Estes dois tempos apresentam uma relação de complementaridade na narração, sendo, no entanto, distintos em termos temporais e modais.

O Pretérito Perfeito é directamente referido ao momento da enunciação, caracterizando-se aspectualmente pelo seu carácter perfectivo, acabado, pontual. Modalmente, é actual, factual. Servindo de ponto de referência intermédio ao Imperfeito, este tempo condiciona a sua actualização e institui-se como ficção enquanto convenção.

Por sua vez, o Imperfeito tem um valor aspectual imperfectivo e durativo e é modalmente inactual, contrafactual. Por isso, permite enquadrar o Pretérito Perfeito, na medida em que constitui um cenário que promove o seu aparecimento, sendo, nesse sentido, um momento de abertura para a ficção.

Paul Ricoeur considera-os, ainda que por motivos diferentes, tempos ficcionais: o Pretérito Perfeito tem uma significação intrínseca de passado enquanto o Imperfeito (à semelhança dos outros tempos inactuais) é operador de uma transposição fictiva do marco de referência enunciativo e, por isso, também passado. E, na verdade, a narrativa gera-se na conjugação dos dois tipos de mundos indicados por estes tempos verbais, funcionando como «(re)construção de mundos: de um real passado que ao ser narrado se contamina de irrealidade, de um irreal que se finge ser passado para criar uma “ilusão referencial”» (Fonseca, 1992: 223). Daí a complementaridade existente entre o efeito de real (termo usado por

---

<sup>6</sup> As teorias de Benveniste e de Weinrich, embora precursoras de uma mais fecunda compreensão do sistema verbal e dos modos enunciativos, apresentam as seguintes limitações: falta de explicitação do fundamento déctico das suas teorias e da dimensão fictiva inerente ao modo de enunciação narrativo; ausência de um investimento produtivo na relação entre Imperfeito e Perfeito.

Barthes), que traduz a acção do Pretérito Perfeito como tempo factual por exceção, e o efeito de irreal ou de ficção, inerente aos tempos inactuais.

A estes efeitos pode aliar-se a correlação de planos alternados entre a abertura para a ficção e a ficção assumida como convenção, que Weinrich considera ser a única função da oposição entre Imperfeito e Pretérito Perfeito. No entanto, o tempo de ficção não é indissociável do tempo real, uma vez que, sendo a ficção essencialmente criação de mundos temporais, acaba por ter um papel activo na sua origem.

### 3. Tratamento genérico do tempo em *O Homem*

Esta afirmação encontra eco em *O Homem*, na medida em que se trata de um texto narrativo organizado em torno de uma sequência de acontecimentos activados pela memória de uma autora-narradora que narra, descreve e reflecte no decurso do fluir diegético.

Temporalmente, a narrativa apresenta-se estruturada em função de uma analepse – introduzida pela primeira frase do texto e constitutiva da evocação –, uma prolepse – resultante da tentativa de encontrar uma solução para a falta de termos capazes de explicar um gesto – e uma elipse – que marca a distância entre o momento em que se produz a evocação e o tempo em que ocorreram os eventos narrados. A exploração destas três modalidades indicia uma articulação do presente, do passado e do futuro. Estabelece-se uma convergência entre passado / presente e passado / futuro, elegendo-se, assim, como denominador comum desta dialéctica o momento evocado pela narradora, que institui o fulcro da obsessão do tempo e das consequências da sua irreversibilidade.

A recordação de um conjunto de eventos – a situação vivida numa rua, em que intervêm como personagens a narradora, um homem, a criança que este leva ao colo e a multidão que passa – constitui a acção principal na qual se encaixa uma outra, secundária, procedente da evocação de uma determinada passagem da vida de Cristo. A estrutura de encaixe é concomitante com uma orientação circular da narrativa, que propõe uma leitura alegórica com intenções moralizantes: denunciar a injustiça e a cegueira dos homens, alertando para o valor espiritual e essencialmente humano do Homem. Esta circularidade manifesta-se já na apresentação do cenário que começa e termina com uma referência ao tempo:

«Era uma tarde...», «Deviam ser quatro horas...»<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Andresen, 1983, p. 155.

Por outro lado, indicia também a existência de um paralelismo acentuado entre a realidade temporal e a espacial, uma vez que a recordação permite reconstituir não só momentos, mas também lugares (para além das emoções neles vividas).

Depois de situados o espaço, o tempo e as personagens, a narrativa evolui através da alternância entre momentos de narração e momentos de descrição que, segundo Clara Crabbé Rocha (1980: 53) são responsáveis pela oscilação das velocidades narrativas. Ao início da narração, que apresenta um ritmo bastante rápido

«Foi então que vi o homem. Imediatamente parei.»<sup>8</sup>

sucede a descrição do homem «muito pobremente vestido»<sup>9</sup>, que provoca uma dilatação temporal, marcada pela utilização de frases mais longas. Há uma espécie de suspensão do tempo para a contemplação do homem cujo gesto a memória parece não ser capaz de reconstituir:

«Como contar o seu gesto?»<sup>10</sup>

A evocação do passado concentra-se num momento privilegiado, num instante que pode considerar-se como infinito, pois situa-se a um duplo nível temporal: o do passado da acção e o do presente da rememoração. Esse passado, correspondente a um momento

«Tudo isto se passou num momento.»<sup>11</sup>

articula-se com um sentimento de frustração, visto que a narradora

«só sabia hesitar e duvidar»<sup>12</sup>

mostrando-se incapaz de viver plenamente esse momento ou recuperá-lo.

O encontro com o homem é um encontro com a marginalização e marca a impossibilidade de comunicação entre o homem e a narradora, conduzindo à experienciação de um remorso retrospectivo em que o passado e o presente

<sup>8</sup> ibidem, p. 156.

<sup>9</sup> ibidem, p. 155.

<sup>10</sup> ibidem, p. 156.

<sup>11</sup> ibidem, p. 157.

<sup>12</sup> ibidem, p. 158.



alternam: procurando reconstituir os factos, a narradora questiona a sua própria atitude, fazendo-o pela incursão na memória mais longínqua, que leva ao reconhecimento da figura do homem com a imagem de Cristo. A memória opera esta pesquisa através da sequencialização rápida de imagens a que corresponde o aparecimento, lento, das palavras fundadoras do reconhecimento. No momento em que se verifica essa constatação, o ritmo narrativo acelera-se. Verifica-se, então, um movimento contrastivo entre a regressão no espaço

«Voltei para trás»<sup>13</sup>

e a progressão diegética que parece acentuar, uma vez mais, a irreversibilidade do tempo e da actuação humana.

A impossibilidade de recuperar o tempo perdido, cuja evocação representa a tentativa de consciencializá-lo e, conseqüentemente, dominá-lo, reflecte-se na alternância entre desenrolar rápido e lentidão diegética, representados pela narração e pela descrição, respectivamente. Essa modulação remete para o núcleo temático do conto – a dialéctica entre a eternidade do Homem-Deus e o instante do encontro com ele – que está consignado no último parágrafo

«Mas continua ao nosso lado. Pelas ruas.»<sup>14</sup>

– representativo da relação do *eu* narrador com o *eu* personagem, em que, tal como nas pausas descritivas, a narradora reflecte e, fazendo-o, promove igualmente a reflexão do narratário, do leitor.

Esta breve abordagem das relações temporais instituídas no texto em análise, que tomou como ponto de partida o estudo de Clara Crabbé Rocha sobre *Contos Exemplares*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, corrobora a especificidade linguística do tempo e o seu carácter deíctico, mostrando que a narração é a criação de um universo temporal que «consiste em «fazer de conta» que pode haver marcos de referência não coincidentes com a instância enunciativa presente, porque transpostos para uma situação ausente» (Fonseca, 1992: 219).

#### 4. Tratamento deíctico do tempo em *O Homem*

Na medida em que *O Homem* constitui a evocação de acontecimentos ocorridos num passado já distante

<sup>13</sup> *ibidem*, p. 160.

<sup>14</sup> *ibidem*, p. 161.

«Muitos anos passaram»<sup>15</sup>

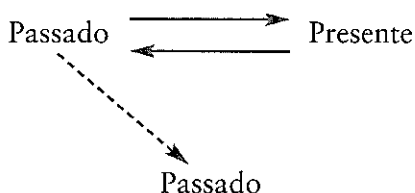
verifica-se uma transposição das coordenadas enunciativas, sem que, no entanto, se perca a ligação com o momento da enunciação. A referência directa a este momento é marcada pela utilização do deíctico temporal *agora*, em

«Agora eu penso...»<sup>16</sup>

enquanto a referência indirecta a esta instância enunciativa é indiciada pelo uso do deíctico marcador da transposição fictiva – *então*, em

«Foi então que vi...»<sup>17</sup>

Parte-se, assim, do presente da narração para o passado da acção do qual deriva a referência a um outro passado mais longínquo. Esta relação pode ser representada pelo esquema a seguir apresentado:



O conto escolhido relaciona, assim, os dois modos de enunciação considerados por Benveniste – o discurso e a história – e, conseqüentemente, os subsistemas temporais a ele ligados, visto que, no decurso da narração, há intervenções discursivas que justificam o facto de este texto consistir numa evocação e estão de acordo com a relação de diálogo e reflexão estabelecida entre o narrador e o narratário. De facto, a utilização da primeira pessoa do Presente e a pressuposição de uma relação dialógica em que o eu procura influenciar o tu (ao conduzi-lo à reflexão) remete-nos para o domínio do discurso. Por sua vez, a evocação e a conseqüente narração de factos passados, utilizando tempos passados, aponta para o modo enunciativo da história.

<sup>15</sup> *ibidem*, p. 161.

<sup>16</sup> *ibidem*, p. 158.

<sup>17</sup> *ibidem*, p. 156.

Apesar de existir uma relação de concomitância entre os planos do discurso e da história, é notória a predominância deste último, sobretudo devido à forma obsessiva como é encarado o momento evocado, situado temporalmente com o auxílio de expressões temporais e de tempos verbais. No que diz respeito a estes impera, no texto, a utilização do Imperfeito e do Pretérito Perfeito, numa relação de complementaridade e de oposição. Esta predominância permite, desde logo, confirmar a relação preferencial da narração com o passado e justifica o estabelecimento de um subsistema temporal específico da narração de que estes dois tempos verbais instituem o centro.

Considerar como tempos centrais da narração o Pretérito, Perfeito e o Imperfeito implica efectuar uma deslocação do sistema inactual para um novo subsistema, que configura de forma mais clara as relações temporais experienciadas na narração, cujos tempos mais representativos são o Pretérito Perfeito, o Imperfeito e o Presente. Os dois primeiros aparecem numa relação oposta e complementar, opondo-se, em bloco, à utilização do Presente.

O Pretérito Perfeito tem maior representação no texto a partir do momento em que a narradora faz um sumário condensado dos acontecimentos evocados:

«Tudo isto se passou num momento.»<sup>18</sup>

O pronome *isto* retoma textualmente tudo o que foi dito até esse momento, tendo, por isso, uma função deíctica evidente. Não se trata de uma mostração indicial, mas antes anafórica ou textual. O Pretérito Perfeito indica que as acções denotadas pelos verbos se produziram num determinado momento do passado que é directamente referido ao momento da enunciação, o que é mais facilmente verificável se tivermos em conta a sua articulação frequente com o deíctico *então*. Este tempo verbal exprime um facto passado que não é habitual, mas se produz momentaneamente, tendo, em consequência, um carácter pontual. Esta característica aparece de forma explícita na evocação que conduz a narradora à relação entre o homem e Cristo<sup>19</sup>, na medida em que ela consiste numa sucessão de acções momentâneas que procuram reconstituir uma determinada imagem. Além disso, o Pretérito Perfeito refere acções pontuais acabadas, encerradas definitivamente no passado. Basta, para o comprovarmos, recorrer ao seguinte excerto:

«No próprio instante em que eu o vi, o homem levantou a cabeça para o céu.»<sup>20</sup>

<sup>18</sup> *ibidem*, p. 157.

<sup>19</sup> *ibidem*, pp. 158-159.

<sup>20</sup> *ibidem*, p. 156.

Esta frase permite ainda verificar a importância das expressões temporais na sua co-articulação com o tempo verbal, dado que, neste caso, elas referenciam o carácter pontual e acabado da acção representada pelo Pretérito Perfeito.

A especificidade funcional deste tempo verbal contempla também a sua actuação complementar com o Imperfeito, ao qual serve de ponto de referência intermédio, sendo, por isso, um elemento fundamental (juntamente com as expressões temporais) para a sua actualização, visto que tem um carácter essencialmente factual. Apesar desta correlação, os tempos referidos apresentam ainda uma relação de oposição, verificável através da consideração das funções específicas do Imperfeito, que é sobretudo representativo na primeira parte do conto. Neste texto, são essencialmente três as suas funções.

A primeira consiste em situar no tempo a história narrada. Para o fazer, a narradora serve-se de dois elementos

«Era uma tarde do fim de Novembro...»<sup>21</sup>

e

«Deviam ser quatro horas da tarde...»<sup>22</sup>

sendo, ao segundo, atribuído um valor de especificação em relação ao primeiro. Dado que a narradora pretende evocar uma situação real, este tempo verbal permite introduzir o momento em que se inicia a acção evocada. No entanto, das suas intenções moralizantes advém um valor simbólico em que se inscreve o Imperfeito, que assume, nesse caso, um carácter existencial e de localização equiparável ao das histórias tradicionais: «Era uma vez...».

Este tempo tem ainda como atributo a deslocação a uma época passada para descrever o que então era presente. Distingue-se do Pretérito Perfeito por exprimir uma acção durativa, que não é limitada no tempo, e apresenta um aspecto imperfectivo. Isto significa que a sua função narrativa é sobretudo a de fazer ver sucessivamente os diversos momentos da acção. Exemplo desta função é a apresentação do cenário, em que se anunciam o tempo, o espaço e as personagens. Aparece, depois, ao longo de todo o percurso diegético, alternando frequentemente com o Pretérito Perfeito. Esta co-ocorrência torna-se mais visível a partir do momento em que a narradora-autora enuncia

<sup>21</sup> *ibidem*, p. 155.

<sup>22</sup> *ibidem*, p. 155.

«Voltei para trás.»<sup>23</sup>

embora haja, nesta parte da narrativa, uma maior utilização do Pretérito Perfeito. Isso indica um aceleração do ritmo narrativo em direcção ao desfecho final, que é trágico – o homem e a criança caíram.

Para além da narração, este tempo é usado para fazer a descrição da personagem principal – o homem, devido ao seu valor de expressão de um passado habitual que permite enumerar, ou antes, explicitar, as características de um ser ou de um objecto. Nessa funcionalidade, o Imperfeito estabelece um contraste com o Pretérito Perfeito, visto que, ao contrário deste, implica a suspensão da acção, a sua dilatação. Imprime, assim, pelo seu carácter durativo, uma desaceleração do ritmo diegético, o que provoca uma sensação de suspensão temporal.

No entanto, essa oposição não exclui a complementaridade, uma vez que a descrição realizada através do Imperfeito serve de enquadramento ao Pretérito Perfeito. Além de fornecer indicações do cenário, o Imperfeito está patente nos comentários, como se verifica no seguinte passo:

«Era preciso ter decidido depressa. Mas eu tinha a alma e as mãos pesadas de indecisão. Não via bem. Só sabia hesitar e duvidar. Por isso estava ali parada, impotente, no meio do passeio.»<sup>24</sup>

O comentário é ainda representado de forma hipotética, marcada pela utilização do Imperfeito, no excerto

«Era como se a sua solidão estivesse para além de todos os meus gestos (...). Era como se eu tivesse as mãos atadas.»<sup>25</sup>

em que a narradora procura explicar a sua angústia perante a impossibilidade de comunicar com o homem:

«Quis fazer alguma coisa, mas não sabia o quê.»<sup>26</sup>

Ao contrário do Pretérito Perfeito, factual, o Imperfeito apresenta-se, assim, como um tempo contrafactual.

A organização deste conto com base nos tempos do Pretérito Perfeito e do Imperfeito comprova a produtividade e a pertinência da formulação de um

<sup>23</sup> *ibidem*, p. 160.

<sup>24</sup> *ibidem*, p. 158.

<sup>25</sup> *ibidem*, p. 157.

<sup>26</sup> *ibidem*, p. 157.

subsistema temporal da narração centrado no passado. Esta análise mostra também que «quando procuramos aplicar ao sistema verbal português a separação em duas séries temporais proposta por Benveniste, deparamos imediatamente com uma dificuldade intransponível: é impossível basear, em português, (...) a existência de dois sistemas temporais no uso relativo do PS e do PC.» (Fonseca, 1994b: 43). Ao carácter secundário desta articulação sucede o carácter essencial Presente / Imperfeito, já prevista em propostas anteriores à de Benveniste.

E, no conto *O Homem*, o Presente tem como função principal enunciar factos que ocorrem no momento em que se fala, havendo, por conseguinte, uma referência directa à instância enunciativa, ou seja, ao momento em que se produz a evocação. Trata-se da interferência do discurso, da presença da autora que comenta os factos evocados. Para o verificar, atenda-se às frases:

«...eu, que me lembro nitidamente do fato do homem,(...) não consigo rever com clareza...»<sup>27</sup>

e

«Agora eu penso no que podia ter feito.»<sup>28</sup>

Além deste valor discursivo, o Presente exprime ainda três outras funções. Assim, expressa uma acção habitual, patente em

«Assim às vezes nos sonhos queremos agir e não podemos.»<sup>29</sup>

e

«...começa a prova do suplício: o silêncio de Deus.  
E os céus parecem desertos e vazios sobre as cidades escuras.»<sup>30</sup>

que se enquadra no contexto simbólico do conto; indica um estado permanente no seu papel de conector dos elementos que constituem a metáfora que tenta descrever a beleza da criança loira ao colo do homem:

«É a beleza de uma madrugada de verão...»<sup>31</sup>

<sup>27</sup> ibidem, p. 157.

<sup>28</sup> ibidem, p. 158.

<sup>29</sup> ibidem, p. 157.

<sup>31</sup> ibidem, p. 159.

<sup>31</sup> ibidem, pp. 155-156.

e permite dar maior vivacidade a factos passados. Neste caso, ocorre de forma pontual no contexto do passado e é designado como presente histórico. Assume esse valor no momento em que a narradora procura atravessar o círculo formado pela multidão para ver o homem caído:

«Ombros mais fortes do que os meus empurram-me para trás.»<sup>32</sup>

Uma vez mais se evidencia o domínio do passado nesta narração, manifestado na existência de uma transposição fictiva em que, a partir do momento da enunciação, a narradora-autora convida o narratário-leitor a entrar no jogo do «faz de conta» e a transportar-se para um «então»<sup>33</sup> e um «ali»<sup>34</sup>. A utilização destas expressões deícticas revela que o tratamento da deixis temporal, nomeadamente através do estudo dos tempos verbais e das expressões temporais, é apenas uma parcela da globalidade constituída pelo fenómeno da deixis.

## Conclusão

Parece-nos pertinente transpor para o domínio desta reflexão a mesma circularidade que caracteriza o conto *O Homem*, para retomar, no momento de concluir, o princípio básico enunciado em epígrafe: «a narração é, antes de mais, um texto temporal».

Procurámos, ao longo deste estudo, desenvolver esta afirmação de Fernanda Irene Fonseca, motivo pelo qual realizámos uma reflexão teórica sobre o tempo linguístico, que nos serviu de suporte à análise de um texto narrativo literário. Dela sobressai a consideração do tempo como ficção linguística, decorrendo da multiplicidade de formas atribuíveis à actividade enunciativa o carácter narrativo do tempo linguístico. Nele se inscreve a possibilidade de «recriar o passado – não só «o passado que foi» mas também o passado que *era*, que *tinha sido*, que *seria*, que *teria sido*.» (Fonseca, 1992: 327).

Daí o nosso interesse no estudo dos tempos verbais no conto escolhido, onde predomina a utilização de tempos passados e, entre estes, do Pretérito Perfeito e do Imperfeito. Enquanto ao Pretérito Perfeito se atribui o papel de organizar a coluna vertebral da narração, ao Imperfeito cabe dar indicações sobre o cenário, as descrições e os comentários, enviando a pontos de referência fora deles.

<sup>32</sup> *ibidem*, p. 160.

<sup>33</sup> *ibidem*, p. 156.

<sup>34</sup> *ibidem*, p. 158.

Este domínio conduziu-nos à constatação da existência de um subsistema temporal específico da narração que resultou da deslocação do subsistema inactual. Com esta deslocação, a posição central dos subsistemas actual e inactual, constituída pelo Presente e pelo Imperfeito, sofre uma alteração que consiste na substituição do primeiro tempo referido pelo Pretérito Perfeito. No entanto, apesar da maior rentabilidade deste par, que estabelece entre si uma relação de oposição e de complementaridade, o grupo em que é central o Presente apresenta igualmente uma forte produtividade, pois marca os momentos discursivos referidos ao momento da enunciação.

Isto implica falar da correlação entre subsistemas temporais e modos de enunciação. Dos modos de enunciação referidos domina, no conto de Sophia de Mello Breyner, o da narração, visto que a diegese consiste na evocação dum momento passado, para o qual a narradora se transpõe (e propõe ao narratário que se transponha), desinserindo-se fictivamente do presente e escapando, assim, à contingência deíctica imposta pela utilização da linguagem.

Daqui se depreende que a vocação narrativa do Homem está profundamente marcada na vocação narrativa da linguagem, porque são inseparáveis.

## Bibliografia

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1983) – «O Homem» in *Contos Exemplares*, 13.ªed., Figueirinhas, pp. 155-161.
- BENVENISTE, E. (1966a) – «Les relations de temps dans le verbe français» in *Problèmes de Linguistique Générale*, 1, Paris, Gallimard, 1992, pp. 237-257.
- BENVENISTE, E. (1966b) – «Le langage et l'expérience humaine» in *Problèmes de Linguistique Générale*, 2, Paris, Gallimard, 1974, pp. 67-78.
- CAPELLO, S. (1986) – «L'imparfait de fiction» in *Points de vue sur l'imparfait*, Caen, Centre d'Études Linguistiques de l'Université de Caen, pp. 31-41.
- CUNHA, C. e Cintra, L. (1984) – *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 2.ª ed., Lisboa, Edições Sá da Costa.
- FONSECA, F. I. (1992) – *Deixis, Tempo e Narração*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida
- FONSECA, F. I. (1993) – «Quand dire c'est feindre: théorie linguistique et fiction littéraire» in *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. X, Porto, pp. 55-62.
- FONSECA, F. I. (1994a) – «Deixis et anaphore textuelle en portugais» in *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, Porto Editora, pp. 37-58.
- FONSECA, F. I. (1994b) – «O perfeito e o pretérito e a teoria dos níveis de enunciação» in *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, Porto Editora, pp. 37-58.
- FONSECA, F. I. (1994c) – «Para o estudo das relações de tempo no verbo português» in *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, Porto Editora, pp. 15-28.



- KLEIBER, G. (1993) – «Lorsque l'anaphore se lie aux temps grammaticaux» in *Le Temps: de la Phrase au Texte*, Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 117-166.
- LE GOFFIC, P. (1986) – «Que l'imparfait n'est pas un temps du passé» in *Points de vue sur l'imparfait*, Caen, Centre d'Études Linguistiques de l'Université de Caen, pp. 55-69.
- RICOEUR, P. (1986) – *Du texte à l'action*, Paris, Seuil
- ROCHA, Clara Crabbé (1980) – Os «Contos Exemplares» de Sophia de Mello Breyner, 2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, INIC.
- VETTERS, C. (1993) – «Temps et deixis» in *Le Temps: de la Phrase au Texte*, Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 87-115.
- VILELA, M. (1999) – *Gramática da Língua Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, Almedina.
- WEINRICH, H. (1984) – «No princípio era a narração» in *RUNA – Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, 2, Coimbra, pp. 127-141.

